



---

**Sétimo Domingo depois de Pentecostes (18/07/04)**

**Próprio 11**

## **1ª leitura (Antigo Testamento) – Gênesis 18.1-14**

Estamos temporariamente sem um colaborador disponível *para os textos do Antigo Testamento*

## **2ª leitura (Epístola) – Colossenses 1.21-29**

A igreja cristã na região da cidade de Colossos estava sendo alvo de algumas seitas gnósticas que traziam para seu seio doutrinas e práticas vistas por Paulo como extremamente perigosas para o crescimento cristão. Dentre os elementos estranhos que estavam presentes naquela comunidade, poderíamos destacar a adoração aos anjos e uma prática ascética bastante elevada.

Na tentativa de responder aos problemas daquela comunidade Paulo divide sua carta em duas partes bem distintas. Na primeira, que compreende os dois primeiros capítulos, ele descreve uma Cristologia incipiente, e no restante da carta ele propõe uma prática cristã. Ainda na primeira parte, depois da introdução e da apresentação de alguns tópicos sobre o Cristo, Paulo se apresenta como aquele que foi enviado por este Cristo para desenvolver seu ministério entre os gentios, ou seja, entre as nações não judaicas. Mas a tônica de seu ministério nos é apresentado justamente no verso 20 quando ele diz que Deus, por meio de Cristo, reconciliou todas as coisas consigo mesmo. Pensando nisso gostaríamos de meditar hoje sobre o tema: **o ministério da reconciliação.**

O ministério da reconciliação, em primeiro lugar, **é o resultado de uma forte convicção** (v. 25). No verso 25 Paulo começa com uma forte expressão: "eu fui feito seu ministro". Ministro do quê? Ele responde: "do evangelho que ouviste" (v. 23). Ser feito ministro, expressão que aparece duas vezes (v. 23, 25) significa ter sido escolhido por Deus para atuar na qualidade de "servo dos servos de Deus". Um tipo de ministério que exige padecimento e aflição (v. 24) só pode ser cabalmente exercido por alguém que está convicto de seu chamado.

Na qualidade de ministros da reconciliação, como Paulo, também somos chamados a um ministério que envolve provação e luta. Mas, como Paulo, é preciso que haja, antes de tudo, a mais absoluta convicção de que Deus nos chamou para uma obra que contraria todos os valores do mundo e da sociedade. A reconciliação e o perdão entre os povos e as nações, a reconciliação entre os homens e entre os homens e Deus parece ser um ideal utópico que só é sustentado por quem acredita em milagres. Só podemos pregar que a reconciliação é possível neste mundo se estivermos dispostos a sermos escarnecidos como sonhadores e loucos.



Em segundo lugar, o ministério da reconciliação **recebe aqui uma descrição** (v. 24, 28, 29). Este ministério é descrito como sendo um trabalho, um combate, um ensino, uma admoestação e um anúncio. Mais que isso, este tipo de ação vem marcada com o padecimento da própria carne. Qualquer comunidade que estiver disposta a produzir reconciliação em seu bairro ou em sua cidade, deverá perceber que as esferas a serem alcançadas são variadas. É preciso haver uma "anúnciação" - palavra mais usada para se referir à pregação do Evangelho. Contudo, ao lado da pregação, deve estar também o ensino, a admoestação e, como quem quer dar o exemplo, o trabalho que opera em Paulo poderosamente (v.29) segundo a eficácia de Deus. Não haverá reconciliação se a Igreja não anunciar, não ensinar e não praticar a reconciliação. Em uma igreja composta de gentios e judeus convertidos, Paulo está nos dizendo que a reconciliação de ambos os povos é possível.

Finalmente, o ministério da reconciliação, possui **um alvo bem definido**. Este alvo nos é apresentado nos versos 27 e 28. Lá se diz que Cristo em nós é a "esperança da glória", e que por meio do anúncio Paulo procura apresentar todo homem perfeito em Cristo. Nestes dois versículos compreendemos que o ministério da reconciliação, ou seja, aquele ministério que esteve oculto durante séculos e gerações (v. 26), procura operar uma religação entre aqueles que foram separados e divididos por causa do pecado. O pecado é o princípio da disjunção, da separação, da esquizofrenização. Cristo é aquele por meio de quem os inimigos naturais são reconciliados. Em Cristo superamos o pecado. Cristo em nós é a esperança da glória, é a esperança de uma perfeição posicional diante de Deus.

Antes de concluir, seria instrutivo procurar responder duas perguntas: Como será ser igreja em uma sociedade racista, machista, homofóbica, classista? Que tipo de ministério deveríamos desenvolver para promover a paz e a reconciliação entre aqueles que a sociedade separou? (JLFA)

### Santo Evangelho – Lucas 10.38-42

Todas as vezes em que participei de grupos de estudo bíblico em que esse texto era abordado, saía alguma confusão. Houve até mesmo uma mulher que acusou Jesus de ser injusto com Marta porque esta estava tentando fazer o melhor que ela podia para proporcionar o conforto de uma boa hospedagem a ele. Não pretendo, de modo algum, sugerir como as mulheres devam interpretar o texto. A teologia feminista tem produzido bons materiais nessa área. Quero sugerir apenas uma outra abordagem fugindo das discussões de gênero.

Todo ser humano tem preocupações ou interesses que motivam e determinam sua vida. Na maioria das vezes, as pressões do dia-a-dia nos aprisionam de tal modo que exigem de nós doação incondicional a compromissos que são passageiros. Quando isso acontece, estamos trocando aquilo que é incondicional, total, infinito, por preocupações menores. No texto que ouvimos, Maria está preocupada com algo que é de caráter último, infinito, a presença de Jesus. Aquela era sua grande oportunidade



de estar com o Mestre, era o seu kairós. A preocupação de Marta com os afazeres diários denota, por sua vez, ansiedade pela vida e desprezo para com aquilo que realmente interessa.

Assim é nossa vida. Na maioria das vezes preocupamo-nos excessivamente com nosso trabalho, com nossos relacionamentos e amizades, com nossa sobrevivência, com nosso status religioso e até mesmo com a igreja, como se o futuro dela dependesse de nossas forças. Essas preocupações são justas, mas podem tornar-se tirânicas quando exigem a totalidade de nossos corações, mentes e forças e tomam o lugar da preocupação última. Maria é modelo para a existência humana que reconhece a parcialidade e finitude de nossas preocupações diárias e que, diante da presença do Eterno, percebe que nada é mais importante que estar aos seus pés. (CEBC).